

MÍDIAS SOCIAIS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS

Alberto Calil Junior

Resumo: Apresenta os resultados da primeira etapa da pesquisa sobre o uso e as apropriações das mídias sociais pelas bibliotecas brasileiras que consistiu na identificação dos ambientes virtuais das bibliotecas das universidades federais do país e no mapeamento da adoção das mídias sociais pelas mesmas. Identifica as ferramentas colaborativas utilizadas por estas bibliotecas e apresenta análise quantitativa em torno da presença dessas ferramentas nos ambientes virtuais das bibliotecas. Conclui que o uso das mídias sociais nas bibliotecas analisadas ainda é percentualmente baixo, mas que há a necessidade de estudos qualitativos sobre a construção de ambientes virtuais pelas bibliotecas universitárias e sobre os usos e apropriações das mídias sociais por parte dessas mesmas bibliotecas.

Palavras-Chave: Mídias Sociais. Ferramentas Colaborativas. Biblioteca 2.0. Web 2.0. Ciberespaço.

1 INTRODUÇÃO

A noção de Biblioteca 2.0 foi veiculada pela primeira vez em setembro de 2005, por Michael Casey (2006) em uma postagem em seu blog, intitulado Library Crunch. Casey foi o primeiro a falar em Biblioteca 2.0 e seu post ultrapassou os limites da biblioblogoesfera, - ou seja, do conjunto de blogs temáticos que versam sobre a Biblioteconomia (BARROS, 2009), passando a ser objeto dos debates acadêmicos, de artigos e livros da área de Biblioteconomia e de Ciência da Informação, assim como do universo de funcionários e usuários de bibliotecas.

Segundo Elizabeth Black (2007) o termo foi criado para permitir a aplicação das noções e conseqüentes modificações promovidas pela web 2.0 no universo das bibliotecas. Desde então, o que se tem observado é, de um lado, a crescente presença das

bibliotecas no ciberespaço e, de outro, a apropriação de algumas das chamadas ferramentas da web 2.0, tanto por parte das bibliotecas, quanto na literatura especializada. Conforme aponta Campos (2007, p.2), em comunicação apresentada no VIII ENANCIB,

recentemente, tem havido uma discussão intensa sobre a Web 2.0 que se reflete, em proporção, na Biblioteca 2.0. Máquinas de busca na Web, admitindo-se seus resultados como uma medida relativa e parcial de popularidade ou atualidade, retornam mais de 676.000.000 de páginas em língua inglesa para o primeiro termo e quase 2.300.000 para o segundo.

A emergência de categorias como Web 2.0 e Biblioteca 2.0 é apenas mais um dos reflexos da chamada Sociedade da Informação. Desde a passagem do século XX para o século XXI, temos assistido a penetração das tecnologias da informação e da comunicação em nosso cotidiano. A internet, a cibercultura e o ciberespaço – tecnologias que favorecem um estado quase permanente de conexão – podem ser tomadas como alguns dos símbolos desse início de século. No interior deste contexto, a chamada Web 2.0, bem como as mídias sociais¹ tornam-se categorias cada vez mais nomeadas e conhecidas pelos diversos atores ligados ao universo das unidades de informação.

Em se tratando do caso brasileiro, é possível notar que paulatinamente, ao menos para determinadas camadas da sociedade – em particular as mais bem favorecidas socio-economicamente –, as

¹ Também chamadas de ferramentas colaborativas, as mídias sociais de acordo com Raquel Recuero compreendem um fenômeno complexo, que abarca o conjunto de novas tecnologias de comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares e as apropriações sociais que foram e que são geradas em torno dessas ferramentas (BAMBRILLA, 2011).

condições de possibilidades para a participação na Sociedade da Informação vêm sendo postas. De fato, não é possível falar em inclusão digital (SORJ, 2008), contudo são identificadas mudanças que visam favorecer o acesso ao ciberespaço e as práticas sociais próprias da cibercultura. No que se refere ao acesso à internet no país, dados apresentados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br (COMITÊ, 2011) assinalam que, entre os anos de 2009 e 2010, houve um aumento na proporção de domicílios brasileiros com computador de 32% para 35% e que, no mesmo período, a proporção de lares conectados à internet passou de 24% para 27%. Já em relação ao número de brasileiros que acessam a internet, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2011 (COMITÊ, 2011) assinala que no ano de 2011, “77,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade declararam ter utilizado a internet” sinalizando um aumento de 14,7% em relação ao ano de 2009 e correspondendo a 46,5% da população², o que denota um constante crescimento no quantitativo da população com acesso ao conjunto de informações que circula no ciberespaço.

Paralelamente, torna-se importante considerar o potencial oferecido pelo ciberespaço para a criação e manutenção de espaços de interlocução entre as bibliotecas e seus usuários. Em pesquisa sobre as bibliotecas das Instituições de Ensino Superior presentes na web (GOMES, PRUDÊNCIO, CONCEIÇÃO, 2010) as autoras, ao considerar os ambientes virtuais de bibliotecas universitárias como dispositivos facilitadores de ações voltadas à mediação e apropriação da informação, assinalam que tais ambientes representam “um espaço intensificador do processo de comunicação entre os usuários e

² Interessante anotar que em relação ao número de brasileiros com acesso à internet há uma pequena variação nos dados apresentados por diferentes institutos e organizações. Enquanto o IBGE afirma que somos 77,7 milhões de brasileiros com o referido acesso, o Instituto IBOPE NIELSEN assinala que em setembro de 2012, o Brasil possuía 83,4 milhões de internautas. Para efeitos dessa pesquisa estamos considerando os dados oficiais do governo brasileiro.

da própria biblioteca com os mesmos” (GOMES, PRUDENCIO, CONCEIÇÃO, 2010). Admitindo-se que a internet e as tecnologias a ela relacionadas vêm afetando o nosso cotidiano de maneira significativa, urge refletir sobre os possíveis efeitos destas sobre o universo das bibliotecas. Nesta perspectiva, o questionamento em torno da relação que as bibliotecas, os bibliotecários que nelas atuam e todos os atores que de alguma forma estão a elas ligados, vêm estabelecendo com o ciberespaço e com as referidas ferramentas se apresenta como importante campo de investigação. Assim, como primeira etapa de uma pesquisa, cujo objeto está situado no ciberespaço e cujo objetivo é analisar os usos e apropriações das ferramentas colaborativas pelas bibliotecas, optou-se por realizar um mapeamento dos ambientes virtuais das bibliotecas e da adoção das ferramentas colaborativas pelas mesmas. Para tal, houve a necessidade de efetuar recortes no campo empírico. Em um primeiro momento, por tipo de bibliotecas, a saber: bibliotecas públicas, bibliotecas especializadas, bibliotecas universitárias, bibliotecas escolares e bibliotecas comunitárias. E em cada tipo, por região geográfica.

Neste contexto, alguns dos atores do mundo acadêmico estão entre aqueles que mais circulam no ciberespaço, que vem se tornando um dos mais importantes, se não o principal, lócus de produção, circulação e disseminação da informação. E, ao acompanhar essa ocupação do ciberespaço por parte desses atores, é possível afirmar que entre as bibliotecas brasileiras, as universitárias vêm se destacando no uso das ferramentas colaborativas. Dessa forma, optamos por iniciar o mapeamento pelas bibliotecas universitárias. Na realização do mapeamento tomamos por base a metodologia e os resultados da pesquisa “Mediação para leitura e escrita nas atividades das bibliotecas das universidades públicas brasileiras” que realizou “um levantamento exaustivo das universidades públicas federais e estaduais, dos seus sítios e dos demais dispositivos de comunicação direta utilizados pelas bibliotecas universitárias dessas IES

brasileiras.”(GOMES, PRUDENCIO, CONCEIÇÃO, 2010, p. 147).

No que concerne a produção científica sobre a Biblioteca 2.0 e sobre a adoção de mídias sociais nos ambientes informacionais, em dezembro de 2011, realizou-se um levantamento bibliográfico nos periódicos da área de Biblioteconomia e Ciência da informação que possuíam Qualis – totalizando 15 títulos. Esse levantamento apontou para um crescimento no número de artigos publicados sobre o tema nos anos de 2010 e 2011. Enquanto que de 2005 até 2008 foram publicados 12 artigos, esse número cresce para 29 se considerarmos os anos de 2009 a 2011. Apesar do baixo número de reflexões sobre o tema, é possível apontar para a relevância do mesmo, tendo em vista a crescente presença dos brasileiros no ciberespaço e a adesão dos mesmos às mídias sociais³.

Após um primeiro recorte do universo a ser investigado, procedemos a identificação das universidades do país. Para tal, foram realizadas visitas ao ambiente virtual do Ministério da Educação, onde obtivemos acesso as informações sobre o quantitativo de instituições de ensino superior no país, separadas por regiões. Dentre estas, optou-se por selecionar as universidades públicas federais⁴. Assim, durante o ano de 2011, realizamos o mapeamento dos ambientes virtuais das bibliotecas de universidades públicas do país.

A partir da identificação das universidades foram localizados, visitados e analisados os seus ambientes virtuais visando verificar a

³ Na estratégia de busca utilizada optou—se pela busca no campo de assunto e/ou palavras-chaves por termos diretamente relacionados ao tema, a saber: Biblioteca 2.0, Web 2.0, Ferramentas Colaborativas e mídias sociais.

⁴ O Ministério da Educação estabelece uma classificação para as Instituições de Ensino Superior. Além das Universidades podemos encontrar: Centros Universitários, Faculdades e Institutos Federais de Ensino Superior; cada classe sendo subdivida por públicas (federais, estaduais e municipais) e privadas. (BRASIL, 2010; BRASIL, 2011)

presença da biblioteca ou da rede de bibliotecas nesses ambientes. Como ato contínuo, realizamos visitas aos sítios das bibliotecas universitárias com o intuito de atender aos objetivos dessa primeira etapa da pesquisa: o mapeamento da adoção das mídias sociais por parte dessas bibliotecas⁵.

Nesta perspectiva, o presente artigo tem por objetivo apresentar o mapeamento da adoção dessas mídias pelas bibliotecas das universidades federais do país, como parte integrante da primeira etapa do projeto de pesquisa “Bibliotecas e bibliotecários no ciberespaço: a construção da Biblioteca 2.0” que visa investigar os usos e apropriações de mídias sociais pelas bibliotecas brasileiras.

2 WEB 2.0 E BIBLIOTECA 2.0: A CONFORMAÇÃO DE NOVOS HORIZONTES?

Nos últimos anos, os debates sobre a Web 2.0, a Biblioteca 2.0 e o uso das mídias sociais pelas bibliotecas têm sido recorrentes entre bibliotecários e cientistas da informação, apesar da relativa novidade do tema. A aproximação com as tecnologias da informação e da comunicação - TICs, em particular aquelas reunidas na internet, não se constitui em uma singularidade das bibliotecas. Na teoria social contemporânea é possível encontrar a afirmação de que atualmente estaríamos testemunhando e participando de um momento de grandes transformações societárias, cuja principal característica seria a introdução, em larga escala, das TICs no cotidiano, com destaque para aquelas relacionadas à comunicação mediada por computadores,

⁵ A cada visita realizada foram capturadas as páginas dos ambientes virtuais das universidades e respectivas bibliotecas, e armazenadas para futuras análises, tanto quantitativas quanto qualitativas. Em se tratando de uma pesquisa em ambientes virtuais ressalta-se a importância da captura das páginas visitadas, tendo em vista a característica dinâmica desses ambientes, ou seja, um ambiente virtual visitado em um determinado momento pode ser parcial ou totalmente modificado no momento seguinte. Para maiores detalhes sobre a etnografia nos ambientes virtuais ver CALIL JUNIOR, 2009; AMARAL, FRAGOSO, RECUERO, 2011.)

em particular a internet. Manuell Castells (1999), por exemplo, afirma que estamos presenciando a conformação de uma nova estrutura social fortemente marcada pela presença e pelo funcionamento de um sistema de redes interligadas e que tais redes estão relacionadas a um novo modelo de desenvolvimento surgido a partir de uma reestruturação do sistema capitalista, cuja principal característica seria o compartilhamento de informações processadas através da linguagem digital (CASTELLS, 1999).

Essa “nova estrutura” seria a cibercultura, ou seja, uma nova “configuração sociotécnica onde haverá modelos tribais associados às tecnologias digitais, opondo-se ao individualismo da cultura do impresso, moderna e tecnocrática” (LEMOS, 2008, p.72). Nesse contexto, a internet emerge como sendo mais do que uma inovação tecnológica; ela se constitui em um novo tipo de tecnologia, aquela que nos leva a digitalizar e conectar toda a realidade que estiver ao nosso alcance (DREYFUS, 2001), promovendo, assim, novas formas de sociabilidade.

Produto da segunda metade do século XX, a internet surge para o grande público em finais da década de 1980. De acordo com Pierre Levy (2000), foi por essa época que as grandes metrópoles e os campi americanos viram nascer "um movimento sócio-cultural" que espontânea e imprevisivelmente "impôs um novo curso ao desenvolvimento técnico-econômico" configurando a "infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de sociabilidade, de organização, de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento" (LEVY, 2000, p.32). Nesta perspectiva, a internet tem sido considerada como o grande marco da última revolução assistida pela humanidade, a “revolução da informação” e para muitos vem se constituindo como “o tecido de nossas vidas” (CASTELLS, 2003). Comparada, em sua magnitude às transformações operadas pela Revolução Industrial, a revolução propiciada pela disseminação dos computadores pessoais e da internet produz profundas modificações que perpassam todas as

esferas da vida do homem, indo desde a organização política e econômica à organização do dia-a-dia e da subjetividade (ZAREMBA, 2006).

A partir de meados da década passada, surge uma nova categoria para assinalar as mudanças que a internet traz para a vida social, em particular nos modelos de comunicação e negócios - a web 2.0 ou web social (ANTOUN, 2008, O'REILLY, 2005a, CAMPOS, 2007, MANESS, 2007, PELTIER-DAVIS, 2009). De acordo com Maness (2007), a noção “foi primeiro comunicada, conceitualizada e tornada popular por Tim O'Reilly e Dale Dougherty (...) para descrever as tendências e modelos de negócios que sobreviveram ao ‘crash’ do setor de tecnologia dos anos 90” (MANESS, 2007) e que tinham por característica comum o fato de serem colaborativas. Para Tim O'Reilly, a noção de web 2.0 estaria relacionada a utilização da rede (internet) como uma plataforma de conexão entre diversos dispositivos e “aplicações web 2.0 são aquelas que aproveitam ao máximo as vantagens da plataforma como ligação entre esses dispositivos” (O'REILLY, 2005b) (tradução nossa).

É nesse contexto, o da possibilidade de pensar a web (e dela ser utilizada) como plataforma, que surgem as mídias sociais ou ferramentas colaborativas. Segundo a narrativa predominante, estas ferramentas facilitam a colaboração e a comunicação entre os usuários, estimulam a participação e a criação de conteúdos, e possibilitam o surgimento e a disseminação das redes sociais na internet. Tais ferramentas vêm sendo consideravelmente utilizadas. Conforme Peltier-Davis “a incorporação das tecnologias da web 2.0 está em alta entre os usuários dos sítios de redes sociais tais como o Youtube, Delicious, MySpace, Facebook, Second Life, LibraryThing, Ning, Flickr, Twitter, Meebo, WorldCat.org, dentre outros (PELTIER-DAVIS, 2009, p.18, tradução nossa).

Ainda de acordo com Peltier-Davis (2009), blogs, wikis, RSS, folksonomias, podcasts, sites de redes sociais, streaming de áudio e vídeo estariam entre as principais ferramentas que serviriam

de base para a conformação da web 2.0 e conseqüentemente da Biblioteca 2.0.

O debate sobre a Biblioteca 2.0 e sua realidade está geralmente relacionado à noção de Web 2.0. As primeiras definições surgem em alguns blogs de bibliotecários norte-americanos, tendo como ponto de partida o já citado blog de Michael Casey. De acordo com Maness (2007), a partir do post de Casey, a biblioblogoesfera foi tomada por “uma exploração conceitual do que Biblioteca 2.0 pode significar” (MANESS, 2007, p.44), instalando-se, então, uma controvérsia em torno da definição e da importância do tema.

Para alguns autores, tais controvérsias estariam fundadas na tentativa de acomodar as modificações que chegam com a chamada Web 2.0 para os serviços das bibliotecas e unidades de informação (BLACK, 2007); (MANESS, 2007); (BOXEN, 2008) Porém, apesar dessa controvérsia inicial, pode-se afirmar que o entendimento da biblioteca 2.0 como “um modelo para os serviços de bibliotecas que incentiva mudanças constantes e intencionais e que convida o usuário a colaborar ativamente com a biblioteca (...)”(CASEY; SAVASTINUK, 2006, p.40, tradução nossa) passou a ser predominante nos artigos que versam sobre o tema na literatura da área. Ken Chad e Paul Miller (2005), em texto que analisam o nascimento da noção de Library 2.0, estabelecem quatro princípios na tentativa de compreender a questão, a saber:

- 1) A Biblioteca 2.0 está em todos os lugares, ou seja, pode ser acessada de qualquer lugar do planeta;
- 2) A Biblioteca 2.0 não possui fronteiras. Para os autores a biblioteca deve estar no centro dos processos de democratização da informação, possibilitando o livre acesso;
- 3) A Biblioteca 2.0 possibilita a criação de uma cultura da participação, é essencialmente colaborativa;
- 4) A Biblioteca 2.0 estabelece novas formas de relação entre

as bibliotecas e seus parceiros, no que se refere ao uso das tecnologias.

No caso brasileiro, conforme vimos, o debate sobre o tema na literatura das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação ainda não encontra ressonância. Contudo, ao voltarmos o nosso olhar para o universo das bibliotecas e demais unidades de informação, é possível perceber uma tentativa inicial de aproximação e de utilização destas ferramentas como dispositivos potencializadores da mediação entre as bibliotecas e seus usuários, ao menos no que concerne ao discurso. O uso de determinadas mídias sociais, como por exemplo o Twitter e o Facebook, vêm crescendo entre os brasileiros, dentre os quais estão incluídos bibliotecários e usuários das diversas unidades de informação. A noção da web como plataforma e a adoção das mídias sociais têm surgido, nos últimos anos, como a grande novidade para bibliotecas e bibliotecários que, aos poucos, se aproximam e se apropriam destas ferramentas. Nesse particular, conforme já colocado, as bibliotecas universitárias se destacam. Diante desse quadro é possível formularmos algumas questões: As bibliotecas universitárias brasileiras vêm utilizando as mídias sociais? Em que medida esse uso ocorre? Quais bibliotecas as utilizam? Que ferramentas são utilizadas? De que forma?

3 MAPEAMENTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Apresentamos a seguir o mapeamento dos ambientes virtuais das universidades federais do país, bem como de suas respectivas bibliotecas. O levantamento de informações foi guiado por alguns questionamentos que acabaram por balizar a análise e a apresentação dos dados. Em primeiro lugar, considerou-se necessário saber a quantidade de universidades federais em cada uma das regiões, bem como o número de bibliotecas por universidade. Nesse particular, o

mapeamento confirmou quase que totalmente os dados apresentados pela pesquisa supracitada de Gomes, Prudêncio e Conceição (2010)⁶.

Tabela 1: Bibliotecas Universitárias por região

Região	Universidades Federais	Bibliotecas
Centro-oeste	5	27
Nordeste	14	147
Norte	8	70
Sudeste	19	170
Sul	11	107
Total	57	521

Fonte: CALIL JUNIOR, A.; ALMENDRA, G.; VAZ, P. (2012a) ; CALIL JUNIOR, A.; CAPELLO, S.; SANTOS, R. (2012b)

Na unanimidade dos ambientes virtuais das universidades visitadas, observou-se a presença de links para os ambientes virtuais das respectivas bibliotecas. No entanto, essa unanimidade não garante a visibilidade das bibliotecas nesses ambientes. Em alguns casos o link para o ambiente virtual da biblioteca está visível, como ocorre no ambiente virtual da Universidade Federal do ABC

⁶ Em relação ao número de universidades federais os dados diferem apenas na região sul, tendo em vista a criação de duas novas universidades. Já quanto ao quantitativo de bibliotecas por universidades nas regiões nordeste e norte encontramos um número maior do que na pesquisa supracitada, enquanto nas regiões sudeste, sul e centro-oeste o número de bibliotecas encontrado no nosso levantamento foi menor.

Figura 1: Portal da UFABC



Fonte: <http://www.ufabc.edu.br>

Contudo, essa centralidade nem sempre se materializa. Muitas vezes o link para a Biblioteca ou para o Sistema / Rede de bibliotecas está em local de difícil visualização, o que pode afastar potenciais usuários. De acordo com Sibilía (2003 apud RECUERO, 2009) para que os sujeitos existam no ciberespaço é preciso que os mesmos sejam vistos, pois, no ciberespaço opera o ‘imperativo da visibilidade’. E se considerarmos o ciberespaço como um dos principais lócus de circulação da informação na atualidade, torna-se necessário que as bibliotecas estejam atentas para garantir visibilidade na principal porta de entrada das universidades.

Após a identificação da presença das bibliotecas nas páginas

das universidades, verificou-se a existência dos ambientes virtuais das referidas bibliotecas. Constatou-se em todas as regiões do país que o número de ambientes virtuais não correspondia ao número de bibliotecas. Interessante observar que em relação à existência de ambientes virtuais de bibliotecas, o mapeamento realizado corrobora a análise realizada por Gomes, Prudêncio e Conceição (2010) que afirmam haver um maior investimento do Governo Federal, em se tratando do número de universidades, nas regiões sul e sudeste. No que se refere ao número de bibliotecas universitárias com ambientes virtuais, as referidas regiões se destacam.

Tabela 2: Ambientes virtuais de bibliotecas

Região	Bibliotecas	Existência de ambientes virtuais
Centro-oeste	27	18
Norte	70	25
Nordeste	147	54
Sudeste	170	172
Sul	107	146
TOTAL	521	415

Fonte: CALIL JUNIOR, A.; ALMENDRA, G.; VAZ, P. (2012a) ; CALIL JUNIOR, A.; CAPELLO, S.; SANTOS, R. (2012b)

Nota-se também uma dissonância entre o número de bibliotecas e a quantidade de ambientes virtuais dessas bibliotecas. Uma das possibilidades levantadas na investigação é que tal discrepância pode ocorrer em virtude de que no caso de algumas redes ou sistemas de bibliotecas, compostos de várias bibliotecas setoriais, todas as bibliotecas que fazem parte do sistema / rede são reunidas em apenas um ambiente virtual. Nesse sentido, três situações se configuraram, quanto aos ambientes de bibliotecas no

ciberespaço:

1. Ambientes virtuais que trazem informações factuais sobre a biblioteca contendo informações sobre o sistema / rede de bibliotecas e as respectivas bibliotecas setoriais, que aqui estamos chamando de ambientes virtuais estáticos;
2. Ambientes virtuais que além de conterem informações factuais são atualizados constantemente com notícias sobre a biblioteca e de interesse dos usuários, e também com outros recursos, como *streaming medias* que garantem dinamicidade ao ambiente virtual, chamados aqui de ambientes virtuais dinâmicos ou interativos;
3. Ambientes virtuais que oferecem recursos que possibilitam a interlocução do usuário com a biblioteca, levando-os a participar e a colaborar nas atividades desta, bem como no próprio ambiente virtual; chamados aqui de ambientes virtuais participativos ou cooperativos.

Tabela 3: Tipologia dos ambientes de bibliotecas no ciberespaço

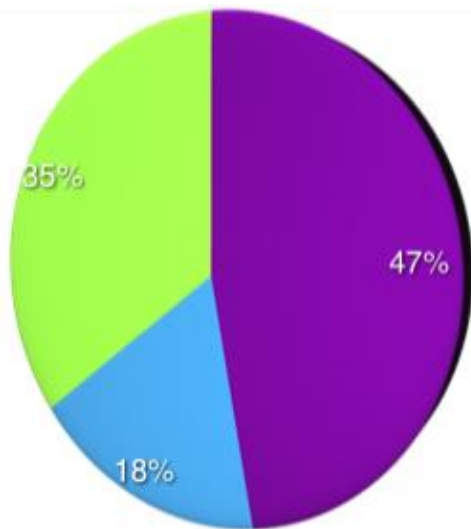
Região	Ambientes estáticos	Ambientes interativos	Ambientes participativos
Centro-oeste	8	3	7
Nordeste	29	32	15
Norte	12	6	1
Sudeste	104	28	67
Sul	64	33	44
Total	217	102	133

Fonte: CALIL JUNIOR, A.; ALMENDRA, G.; VAZ, P. (2012a) ; CALIL JUNIOR, A.; CAPELLO, S.; SANTOS, R. (2012b)

A literatura da área ao fazer menção a características dos ambientes virtuais de bibliotecas tende a utilizar os qualificativos 1.0 e 2.0. Dessa forma, ambientes 2.0 seriam ambientes virtuais nos quais o movimento, a cooperação e a interlocução são as características principais, ambientes colaborativos por excelência. Contudo, preferimos não utilizar a referida nomenclatura por considerar que não é o simples uso de determinados artefatos que transforma um ambiente virtual em um espaço de interlocução e de colaboração. Gomes, Prudêncio e Conceição, na pesquisa supracitada, afirmam que, apesar do crescimento nos últimos anos dos sites de bibliotecas universitárias, tais ambientes virtuais não vêm sendo utilizados como espaços de interlocução. Conforme as autoras,

as bibliotecas das universidades públicas federais e estaduais vêm subutilizando a web no estabelecimento da interlocução direta com os usuários, deixando de cumprir de maneira satisfatória sua missão de proporcionar o acesso à informação para seu uso e apropriação (GOMES, PRUDÊNCIO, CONCEIÇÃO, 2010).

Apenas a partir do mapeamento realizado nesta investigação, não é possível corroborar (ou não corroborar) as afirmações de que os ambientes virtuais de bibliotecas não se constituem em espaços de interlocução - para tal seria necessário um estudo sobre os usos e apropriações de tais ambientes. Contudo, em termos quantitativos, é possível constatar que os números de ambientes estáticos (que não favorecem a interlocução, a participação e a colaboração) ainda predominam entre as bibliotecas universitárias.



● Estáticos/Factuais ● Dinâmico ● Participativo

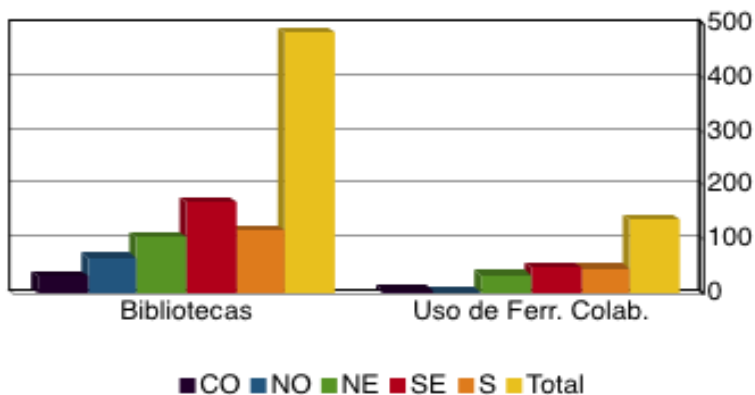
Já, no que se refere à adoção de mídias sociais pelas bibliotecas aqui investigadas, foi possível verificar que quanto à quantidade, paulatinamente, as bibliotecas das universidades federais vêm incorporando algumas dessas ferramentas aos seus ambientes virtuais.

Tabela 4: Uso de mídias sociais

Regiões	Bibliotecas	Uso de mídias sociais
Centro-oeste	31	8
Norte	66	3
Nordeste	103	7
Sudeste	169	83
Sul	116	39
TOTAL	485	226

Fonte: CALIL JUNIOR, A.; ALMENDRA, G.; VAZ, P. (2012a) ; CALIL JUNIOR, A.; CAPELLO, S.; SANTOS, R. (2012b)

Tal como ocorre nos ambientes virtuais, uma vez mais as bibliotecas das regiões sul e sudeste se destacam quanto à utilização de mídias sociais.



A constatação de que parte das bibliotecas está utilizando tais ferramentas aponta para a necessidade da realização de análises sobre os referidos usos. Nesse sentido, surge outro questionamento: quais ferramentas vêm sendo utilizadas por estas bibliotecas?

Tabela 8: Ferramentas Colaborativas

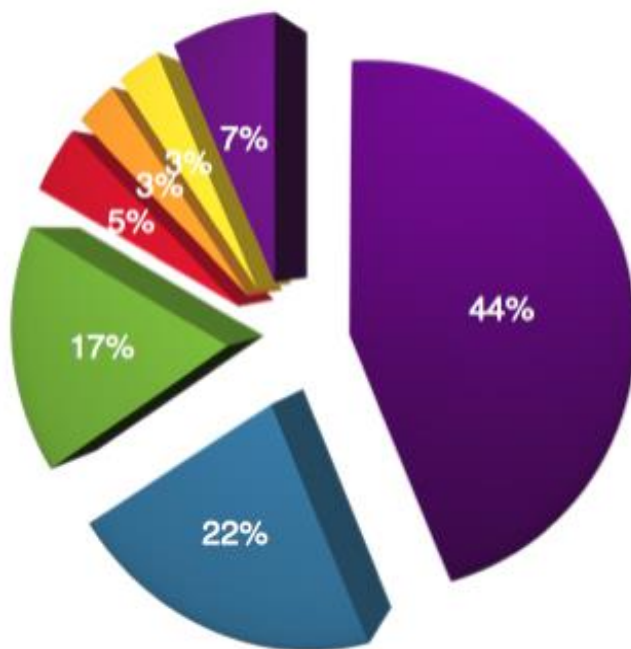
Ferramentas colaborativas	Bibliotecas que utilizam
Twitter	58
Facebook	29
Blog	23
Orkut	6
Chat	4

Ferramentas colaborativas	Bibliotecas que utilizam
Delicious	1
M	2
Google +	2
LinkedIn	1
MSN	1
Serviço de referência virtual	1
Formspring	1

Fonte: CALIL JUNIOR, A.; ALMENDRA, G.; VAZ, P. (2012a) ; CALIL JUNIOR, A.; CAPELLO, S.; SANTOS, R. (2012b)

A partir do mapeamento foi possível constatar que 46,5% das bibliotecas de universidades federais fazem uso de algum tipo de mídia social e que, da mesma forma que ocorre na população mais ampla, as ferramentas de redes sociais na internet, com destaque para o Facebook e para o Twitter, seguidos pelos blogs são as mais utilizadas por estas bibliotecas.

● Twitter ● Facebook ● Blog ● Orkut ● Youtube ● Chat
● Outros



Contudo, apesar da presença dessas ferramentas no cotidiano das bibliotecas investigadas, nota-se a quase inexistência das ferramentas de mensagens síncronas e de chats dentre estas, o que aponta na direção de um paradoxo: de um lado, o uso crescente das mídias sociais que favorecem tanto a interlocução quanto a participação dos usuários nos ambientes das bibliotecas, tais como o Twitter e o Facebook e de outro a quase inexistência da oferta dos Serviços de Referências Virtuais por parte dessas bibliotecas; o que sinaliza para a necessidade de estudos qualitativos sobre quais são os usos e as apropriações que bibliotecas e seus usuários vêm fazendo dos ambientes virtuais de bibliotecas e das ferramentas colaborativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui apresentados são parte do projeto de pesquisa que visa investigar a noção de Biblioteca 2.0, bem como os usos e apropriações que as bibliotecas brasileiras vêm fazendo das mídias sociais. Nessa primeira etapa da pesquisa foram realizados os mapeamentos dos ambientes virtuais das bibliotecas das universidades federais brasileiras separados por região geográfica. A partir desses mapeamentos constata-se que a construção de ambientes virtuais por parte das bibliotecas universitárias das regiões analisadas já é uma realidade. A internet e o ciberespaço já são parte do cotidiano dos brasileiros e, conseqüentemente, vem se tornando o principal lócus para a busca e recuperação da informação. Conforme colocado, já somos cerca de 80 milhões de brasileiros acessando a internet, acesso este que cresce a cada nova divulgação de dados estatísticos sobre o tema e, em um universo cuja organização, disseminação e o acesso à informação são os principais motes, tais dados não podem ser ignorados por seus atores.

Em relação às mídias sociais, constata-se que nas regiões analisadas, estas ainda não fazem parte da paisagem das bibliotecas, considerando-se o baixo percentual de bibliotecas que as utilizam. Contudo, tanto no que se refere à construção dos ambientes virtuais, quanto aos efeitos da presença das ferramentas colaborativas nas bibliotecas para os serviços realizados por estas – quer sejam voltados para a organização da informação quer para o atendimento das demandas informacionais dos usuários – aponta-se para a necessidade de estudos qualitativos. Nesse sentido, para além de saber se as bibliotecas universitárias estão presentes no ciberespaço ou se utilizam as mídias sociais, é necessário o desenvolvimento de pesquisas que visem investigar quais tem sido os usos e as apropriações que bibliotecas e demais equipamentos informacionais vêm fazendo dessas ferramentas e dos ambientes virtuais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre : Sulina, 2011.

ANTOUN, Henrique. De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In: _____ (Org.) *Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro : Maud, 2008.

BARROS, Moreno Albuquerque de. *Emergência e dinâmica informacional na blogosfera*. 2009. 15f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BLACK, Elizabeth L. Web 2.0 and Library 2.0: what librarians need to know? In: COURTNEY, Nancy (Ed.) *Library 2.0 and Beyond: innovative technologies and tomorrow's user*. Westport : Libraries Unlimited, 2007.

BOXEN, Jennifer L. *Library 2.0: a review of the literature*. The Reference Librarian, v.49, n.1, 21 -34, 2008.

BRAMBILLA, Ana (Org.). *Para entender as mídias sociais*. Disponível em <http://www.anabrambilla.com> Acesso em: 20 de outubro de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Sinopse da Educação Superior*, 2009. Brasília, 2010.

_____. Ministério da Educação. *Censo da educação superior*

2010. Brasília, 2011.

CALIL JUNIOR, Alberto. Bibliotecas universitárias e ciberespaço: olhares sobre uma relação em construção. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, XVI, 2010, Rio de Janeiro. *Anais* Rio de Janeiro, 2010.

_____ ; ALMENDRA, Gabriela;VAZ, Priscila. Mapeamento do uso das ferramentas colaborativas pelas bibliotecas das universidades federais das regiões nordeste e norte do Brasil. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias - SNBU, 2012, Gramado, RS. *Anais* Porto Alegre: SBUFRGS, 2012a. v. 17.

_____ ; Capello, Soraia Santana ; SANTOS, R. . Mapeamento do uso das ferramentas colaborativas pelas bibliotecas das universidades federais das regiões sudeste, sul e centro-oeste do Brasil. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias - SNBU, 2012, Gramado, RS. *Anais* Porto Alegre: SBUFRGS, 2012b. v.17.

_____. *O Mundo Espírita Virtual: navegando nas malhas da Religião, da Ciência e da Tecnologia*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CAMPOS, Luiz Fernando de Barros. Web 2.0, Biblioteca 2.0 e Ciência da Informação (I): um protótipo para disseminação seletiva de informação na Web utilizando mashups e feeds RSS. In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 8, 2007, Salvador. Salvador : PPGCI-UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--232.pdf>> . Acesso em: 23 fev. 2011.

CASEY, Michael; SAVASTINUK, Laura C. Library 2.0. *Library Journal*, v.13, n.14, p.40 – 42, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1).

CHAD, Ken; MILLER, Paul. *Do library matters? The rise of Library 2.0*. Birmingham : Talis, 2005. Disponível em: <<http://www.talis.com>>. Acesso em: 01 Mar. 2010.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e de comunicação no Brasil : TIC domicílios e TIC empresas 2010*. São Paulo, 2011.

DREYFUS, H. L. *On the internet*. New York : Routledge, 2001.

GOMES, Henriette Ferreira; PRUDÊNCIO, Deise Sueira; CONCEIÇÃO, Adriana Vasconcelos da. A mediação da informação pelas bibliotecas universitárias: um mapeamento sobre o uso de dispositivos de comunicação na web. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.20, n.3, p.145-156, set./ dez. 2010.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4.ed.Porto Alegre : Sulina, 2008.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MANESS, Jack M. *Teoria da biblioteca 2.0: web 2.0 e suas*

implicações para as bibliotecas. *Informação & Sociedade, João Pessoa*, v. 17, n.1, p.43 – 51, jan./abr. 2007

O'REILLY, Tim. *What's Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software*. 2005a. Disponível em: <<http://oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html?page=1>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

_____. *Web 2.0: compact definition?* 2005b. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web-20-compact-definition.html> Acesso em: 20 de abril de 2012.

PORTAL UFC. Disponível em: <http://www.ufc.br> Acesso em: 19 de abril de 2012.

PELTIER-DAVIS, Cheryl. *Web 2.0, Library 2.0, Library user 2.0, Librarian 2.0: innovative services for sustainable libraries. Computers in Library*, p.16 – 21, nov./ dez. 2009.

SORJ, Bernardo. *Information society and digital divides: an introduction*. Milão : Polimétrica, 2008.

ZAREMBA, Raphael Sacchi. *Do papel para a tela: o nascimento do "homem digital"*. In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (Org.) *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 209-228.

7 AGRADECIMENTOS

1- Projeto contou com o auxílio instalação da FAPERJ
2 – Agradeço aos bolsistas de Iniciação Científica (IC/UNIRIO) Gabriela Almendra, Priscila Vaz, Rick Santos e Soraia Capello pelo

levantamento e coleta de parte dos dados.

SOCIAL MEDIAS IN BRAZILIAN UNIVERSITY LIBRARIES

Abstract: *This paper presents the results of the first stage of the research on the uses and appropriation of social medias by Brazilian libraries, which consisted in: identification of the virtual websites of the public university libraries and mapping the adoption of the social medias by these libraries. This research identifies the social medias used by these libraries and presents quantitative analysis about the adoption of these medias by the university libraries. It reaches the conclusion that the use of the social medias is still quantitatively low in the university libraries analyzed. Moreover, it states that some qualitative studies are needed to understand the craft of virtual websites by universities libraries and also the uses and appropriation of social medias by these libraries.*

Keywords: *Social Media. Library 2.0. Web 2.0. Cyberspace.*

Alberto Calil Junior

Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB/UNIRIO) e da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO

E-mail: caliljr@gmail.com

Submissão: 05-11-2012

Aceito: 04-05-2013